

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DE VIRADOURO

Departamento de Educação Cristã

ESTUDO BÍBLICO EM HEBREUS

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

Pr. José Antônio Corrêa

ESTUDO BÍBLICO EM HEBREUS
Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

Pr. José Antônio Corrêa

PARTE 1

INTRODUÇÃO

Hebreus é o único livro do Novo Testamento de autoria desconhecida. E é um livro de conteúdo também desconhecido, na maior parte de nossas igrejas. Raramente se prega nele ou se estuda seu conteúdo. Geralmente se usa o texto de 13.8, para justificar dons miraculosos, mas se ignora o resto do livro. E assim mesmo, o uso deste versículo, quando assim feito, é fora do contexto.

Mas, infelizmente, ignora-se principalmente o significado global do seu tema. No entanto, ele é possuidor de mais rica teologia. Um cristão não pode ignorar seu conteúdo. Ele traz a essência da fé cristã. É o livro do Novo Testamento que mais claramente enfatiza as distinções que há entre o judaísmo e o cristianismo, e mostra, de maneira bem clara, o que é ser um cristão. Estudar Hebreus é conhecer as implicações da obra redentora de Jesus.

Temos um cristianismo que não ensina a totalidade da obra de Jesus. Para muitos segmentos, ele é apenas um pretexto para se usar seu nome como se fosse uma senha para se acessar o site das bênçãos de Deus.

Hebreus deveria ser mais estudado em nossas igrejas, também para esclarecer o relacionamento correto entre os dois Testamentos, bem como o relacionamento entre as figuras de Moisés e de Jesus, da lei e da obra de Jesus. Ele nos mostra a obra sacerdotal de Jesus, que substitui e aniquila a legislação sacerdotal veterotestamentária.

Muitos problemas doutrinários seriam evitados com seu estudo. Há hoje uma descaracterização da igreja, quando pregadores (que parecem nunca ter lido o Novo Testamento) ressuscitam práticas judaicas em nosso meio. Muitos de nossos corinjos, infelizmente, nada têm de cristãos. É um tal de “santo dos santos”, “fumaça do santo dos santos”, “sala do trono”, etc.

Não é demais repetir: nós somos cristãos, nós somos filhos do Novo Testamento, somos o povo gerado no Calvário e não no monte Sinai, somos de Jesus e não de Moisés. Nosso símbolo é a cruz e não a estrela de seis pontas nem a menorá. Nosso livro de ensino de função sacerdotal não é Levítico, e sim Hebreus.

Tentaremos, nestes estudos, mostrar um pouco do rico conteúdo de Hebreus. E, ao mesmo tempo, procuraremos estimular pastores e pregadores a se debruçarem mais sobre este livro, e pregá-lo ao nosso povo. Aos crentes pedimos que leiam este livro e atentem para seu conteúdo.

Que não venhamos a macular o cristianismo com doutrinas vencidas e superadas pela obra de Cristo.

A AUTORIA

Na realidade, não podemos chamar Hebreus de carta ou epístola. É mais um tratado teológico que outra coisa. Só há traços pessoais no fim, no texto de 13.23-24. No restante da obra, nome algum de pessoa conhecida na época é citado. Nenhuma localidade é mencionada. Nenhuma igreja em particular é citada. Não foi um escrito endereçado a alguém em particular, como as cartas (veja-se 1.1-2, onde já se começa uma discussão teológica).

Durante algum tempo se atribuiu a Paulo a autoria da obra. Mas Paulo, quando citava o Antigo Testamento, citava os textos hebraicos, dando sua própria tradução para o grego e, algumas vezes, citava o texto grego. O autor de Hebreus cita sempre o texto grego. Também o estilo do autor de Hebreus é muito refinado, elegante, superior mesmo ao de Paulo. Cerca de 168 palavras em Hebreus não são usadas em nenhum outro lugar do Novo Testamento, e mais 124 palavras não aparecem nem uma vez sequer, em todos os escritos de Paulo.

Por isso que Calvino rejeitou a autoria de Paulo. Lutero sugeriu que fosse Apolo. Alguns indicaram Priscila, esposa de Áquila, como autora. Outros, ainda, apontaram Barnabé. Mas como bem disse Orígenes, “só Deus sabe quem escreveu Hebreus”.

O autor tem um admirável conhecimento de filosofia. É da escola idealista, e parece ter sido influenciado por Platão, conforme se vê em 8.5, onde ele usa os conceitos do mundo das ideias e do mundo real, do filósofo grego. Em 11.3, a expressão final mostra que ele conhecia a filosofia dos epicureus. E em 5.14 ele mostra conhecer algo de Aristóteles.

Sua categoria de raciocínio difere da de Paulo, pois ele emprega o método alegórico dos alexandrinos. Ele tem um pensamento mais grego que o de Paulo. Usa categorias filosóficas do pensamento helênico para apresentar o cristianismo em relação ao judaísmo.

Mesmo sem sabermos quem é o autor, cremos que o livro é inspirado. Uma coisa nada tem a ver com a outra. Sua mensagem central é simples e contundente: a *superioridade de Cristo*. O autor entende que a revelação de Deus não cessou com o Antigo Testamento, e deixa isto bem claro em 1.1-2, que aqui transcrevemos: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por quem fez também o mundo”.

Deus veio se revelando gradativamente, até que, por fim, se mostrou definitivamente na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele é a Palavra final de Deus. Vejamos também Hebreus 1.3: “Sendo ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu Ser, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo ele mesmo feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas”.

Jesus é a mais perfeita revelação de Deus. É absolutamente sem sentido aquele corinho que diz: “Quero te ver, quero te tocar”. Quem queira ver a Deus, que olhe para Jesus. Ele é a “expressa imagem do seu Ser”. “Imagem” é o grego *eikon*, que significa “espelho”. Jesus é o espelho de Deus. Quando Deus olha no espelho, há um rosto lá dentro, o rosto de Jesus. Quando Jesus olha no espelho, há um rosto lá dentro, o rosto de Deus.

Vale a pena ler João 14.8-11, em consonância com esta declaração de Hebreus: “Disse-lhe Felipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheces, Felipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e

que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras”.

E cuidado com o romantismo e sentimentalismo piegas que resvala para o panteísmo, com frases tipo: “Deus está na beleza de um por do sol”, “Deus está na natureza”, “Deus está no sorriso de uma criança”. Estas coisas podem nos emocionar e podem nos mostrar que há um Criador, mas Deus não está nelas. Deus não está na natureza. Deus está em Cristo.

Para uma melhor compreensão deste livro, faremos quatro estudos em Hebreus. Serão eles: (1) A superioridade de Jesus; (2) O sacrifício de Jesus; (3) A nova aliança em Jesus; (4) A disciplina de Jesus. Começemos pelo primeiro.

A SUPERIORIDADE DE JESUS

Na realidade, este é o tema da carta, *A superioridade de Cristo*. O autor se dirige a cristãos que vieram do judaísmo. Tinham sido judeus e se converteram a Cristo. Agora alguns deles queriam regressar ao judaísmo. Ele os exorta com firmeza, em 3.12-13.

A palavra “apartar-se” é a palavra de onde nos vem “apostasia”. Ele os exorta a não apostatarem da fé em Cristo. O autor procura mostrar a seus destinatários que Cristo é superior aos elementos que dão suporte ao judaísmo e, por extensão, o cristianismo é superior ao judaísmo.

Isto fica claro logo no início. No versículo 3 há uma brilhante declaração de fé sobre Cristo. Ele é o resplendor da glória de Deus, a expressa imagem do seu Ser, é o sustentador, efetuou a purificação dos nossos pecados, e está assentado à direita da Majestade (posição de identidade) nas alturas.

A seguir, no versículo 4, se diz que ele é maior do que os anjos: “feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles”. Inclusive os anjos o adoram: “E outra vez, ao introduzir no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem” (v. 6). Qual o sentido destas declarações? Por que os anjos entraram nesta argumentação?

Em 2.2 lemos que a palavra falada pelos anjos permaneceu firme e que a desobediência a ela trouxe castigo (“Pois se a palavra falada pelos anjos permaneceu firme, e toda transgressão e desobediência recebeu justa retribuição”). O autor está falando da lei mosaica. Até agora ele não a mencionou, mas a alusão é clara.

Os judeus receberam a lei por ordenação dos anjos (At 7.53, Gl 3.19). Se Cristo é superior aos anjos, a revelação que ele traz (voltemos a ler Hebreus 1.2) é maior que a revelação que eles trouxeram. Então, o ensino de Jesus é maior que a lei mosaica.

É por isso que aqueles cristãos hebreus deveriam atentar para o que ouviram e não se desviar da verdade ouvida: “Por isso convém atentarmos mais diligentemente para as coisas que ouvimos, para que em tempo algum nos desviemos delas” (2.1). É a palavra dele, de Jesus, que vale.

Depois o autor nos mostra que Jesus é superior a Moisés. É uma argumentação longa, que vai de 3.1 a 4.13. O tema central é a marcha dos hebreus pelo deserto, em busca da Terra Prometida, sob a liderança de Moisés. Moisés foi fiel sobre a casa de Deus, tanto como Jesus (3.1-2).

Mas Moisés era servo sobre a casa de Deus, e como anunciador do que viria: “Moisés, na verdade, foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que se haviam de anunciar” (3.5) e Jesus Cristo é Filho sobre a casa de Deus: “Mas Cristo o é como Filho sobre a casa de Deus; a qual casa somos nós, se tão-somente conservarmos firmes até o fim a nossa confiança e a glória da esperança” (3.6).

Por isso, a glória dele é maior: “Pois ele é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a edificou” (3.3). Não há razão alguma para seguir a Moisés. Ele era servo. Jesus era o Filho. O Filho é superior ao servo, na casa.

Tal casa somos nós. Moisés era servo na casa de Deus, o povo de Deus. Cristo é Filho na casa de Deus. Logo, ele é maior que Moisés. Por que a igreja anda querendo regressar ao Antigo Testamento?

O anônimo escritor faz uma comparação com os que foram rebeldes a Moisés. Eles foram julgados e não entraram no “meu descanso”, diz Deus: “Pelo que, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto, onde vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram por quarenta anos as minhas obras. Por isto me indignei contra essa geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não chegaram a conhecer os meus caminhos. Assim jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso” (3.7-10).

E os que forem rebeldes à voz de Cristo? O texto de 3.12-14 traz a exortação para que os leitores permaneçam fiéis ao ensino de Jesus: “Vede, irmãos, que nunca se ache em qualquer de vós um perverso coração de incredulidade, para se apartar do Deus vivo; antes exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado; porque nos temos tornado participantes de Cristo, se é que guardamos firme até o fim a nossa confiança inicia”. Também não deve haver nenhum coração de incredulidade para com Jesus.

Nesta argumentação, ele fala muito de “descanso”. Mas não é a palavra *sábado* (no grego, *sabatós*) que ele usa. É *katapáusin*, que traz a ideia de um refrigério por se alcançar as promessas. Aqueles hebreus rebeldes não entraram em Canaã e assim não se cumpriu na vida deles o que Deus prometera.

Eles sofreram durante a peregrinação em busca das promessas de Deus. Quando as promessas se cumprissem na vida deles, entrariam no descanso. Mas não entraram. Por não obedecerem, não entraram no *katapáusin*.

Os cristãos destinatários do livro de Hebreus também tinham a promessa de um descanso, mas alguns estavam falhando: “Portanto, tendo-nos sido deixada a promessa de entrarmos no seu descanso, temamos não haja algum de vós que pareça ter falhado” (4.1).

Na realidade, o descanso chamado *katapáusin*, que é a entrada na totalidade das bênçãos de Deus, é para os cristãos e não para os judeus: “Porque nós, os que temos crido, é que entramos no descanso, tal como disse: Assim jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo; pois em certo lugar disse ele assim do sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as suas obras; e outra vez, neste lugar: Não entrarão no meu descanso. Visto, pois, restar que alguns entrem nele, e que aqueles a quem

anteriormente foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência, determina outra vez um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, depois de tanto tempo, como antes fora dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. Porque, se Josué lhes houvesse dado descanso, não teria falado depois disso de outro dia. Portanto resta ainda um repouso sabático para o povo de Deus” (4.3-9).

As promessas de Deus são para os cristãos, e não para os judeus. Mas, aquele que ouve o evangelho e se compromete com Cristo e depois desiste, não entra no descanso, na totalidade das promessas de Deus para a sua vida. Fica pelo caminho, como os que foram rebeldes à palavra de Moisés.

A terceira superioridade de Jesus é sobre Arão. Esta discussão é a mais ampla do livro e se estende de 4.14 até 10.39. A ideia é simples: depois da lei mosaica (e Jesus é maior que Moisés), o judaísmo se baseava no sacerdócio, que remontava a Arão, irmão de Moisés. Pois bem, Jesus é maior que Arão e que todo o sistema sacrificial.

Assim sendo, ele cria, imagina, uma ordem sacerdotal, a de Melquisedeque. Esta ordem nunca existiu, mas ele elabora um raciocínio bem refinado. Todo sacerdote deveria provar sua ascendência, provar que era descendente de Levi, descendente de Arão. Lembre-se que os sacerdotes eram da tribo de Levi e eram chamados de levitas.

Ele relembra o encontro de Abraão com Melquisedeque (Gn 14.18-20). Melquisedeque abençoou Abraão: “Ora, Melquisedeque, rei de Salem, trouxe pão e vinho; pois era sacerdote do Deus Altíssimo; e abençoou a Abrão, dizendo: bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Criador dos céus e da terra” (Gn 14.18-19).

Ora, quem é abençoado é menor que aquele que abençoa: “Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior” (7.7). Então Abraão era menor que Melquisedeque. Pagar os dízimos (linguagem que ele usa) mostrava que quem recebia os dízimos era superior a quem os pagava. Se Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, este lhe era superior.

Pois bem, Levi descendia de Arão que descendia de Abraão. Potencialmente, Levi estava contido em Abraão: “E, por assim dizer, por meio de Abraão, até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos, porquanto ele estava ainda nos lombos de seu pai quando Melquisedeque saiu ao encontro deste” (7.9-10).

Jesus é sacerdote, mas não segundo a ordem de Levi, de Arão. É sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (ordem que não existiu), conforme lemos em 5.5-6, 5.10 e 7.21. Aqui, o autor de Hebreus está citando o Salmo 110.4, que é um salmo messiânico, ou seja, que alude ao Messias que viria. Assim, o autor de Hebreus argumenta que Jesus é o Messias prometido.

Ao mesmo tempo mostra que Jesus é superior a Levi, Arão e Abraão. Jesus é o cristianismo. Levi, Arão e Abraão são o judaísmo. Então, o cristianismo é superior ao judaísmo. Não há por que voltar atrás.

Merece atenção o significado do nome Melquisedeque. É o hebraico *malék tsedêq*, que significa “rei da justiça” (veja Hebreus 7.2). Ele era rei de Salem, que vem do hebraico *shalom* “paz”, que foi o nome primitivo de Jerusalém, que significa “cidade da paz” (embora, atualmente não pareça assim).

Ele era rei da justiça e rei da paz, atributos que são do Messias. Este implantaria a paz e a justiça, quando viesse. Lembre-se de João 14.27, texto que é chamado de “o

último testamento de Jesus à sua igreja”: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”.

E lembre-se, também, que se Melquisedeque foi o primeiro rei de Salem, Jesus, quando de seu retorno, será o último. Neste sentido, Melquisedeque foi um tipo de Jesus: rei de Salem, rei da paz e abençoador dos que recebem a promessa de Deus.

A lei mosaica nunca aperfeiçoou nada e por isso foi ultrapassada: “Pois, com efeito, o mandamento anterior é ab-rogado por causa da sua fraqueza e inutilidade (pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou), e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual nos aproximamos de Deus” (7.18-19).

Por isso, um novo sacerdote se levantou para estabelecer um novo sistema. Leia, em sua Bíblia, com bastante atenção, o texto de 8.1-13. O sistema anterior, o mosaico, passou. Vale o sistema trazido por Jesus. O Antigo Testamento e seu ensino foram cumpridos em Jesus, e é seu ensino que vale, atualmente. Aliás, Jesus já dissera isso: “A lei e os profetas vigoraram até João; desde então é anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem forceja por entrar nele” (Lc 16.16).

PARTE 2

Hebreus é o livro da Bíblia que mais discute o sacrifício de Cristo. Como o tema do livro é *a superioridade de Cristo*, o autor desenvolve a questão do porquê do sacrifício de Jesus e tece comparações entre ele e os sacrifícios judaicos. Nosso assunto posterior será *a nova aliança*. É preciso referir-nos a ela, de passagem, agora.

A primeira aliança, feita com Moisés, estava estruturada sobre os sacrifícios. A nova, feita em Cristo, está estruturada sobre *um* sacrifício, o de Jesus. E o autor mostrará que este é superior, é único e suficiente. Não há motivo algum para voltar ao passado, ao sangue de animais, nem mesmo à pesada legislação sacerdotal do Antigo Testamento.

A questão da superioridade do sacrifício de Jesus já se delineia no fato de que ele é um sacerdote superior, como vemos em

4.14-16 (“Tendo, portanto, um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou os céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemo-nos, pois, confiadamente ao trono da graça, para que recebamos misericórdia e achemos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno.”) e

8.1-2 (“Ora, do que estamos dizendo, o ponto principal é este: Temos um sumo sacerdote tal, que se assentou nos céus à direita do trono da Majestade, ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, e não o homem”. O sumo sacerdote de Jerusalém entrava no lugar santíssimo (ou santo dos santos). Jesus entrou no céu. O templo de Jerusalém era uma cópia do templo celestial (8.4-5).

Como já dissemos, o autor segue a filosofia platônica, na teoria do real e do ideal. O santuário de Jerusalém era uma cópia do superior, o celestial. Foi neste que Jesus entrou. Por isto, a obra dele é melhor.

Há quatro aspectos no sacrifício de Jesus que devem ser ressaltados aqui, em contraste com os sacrifícios do judaísmo.

1. A ESFERA DO SACRIFÍCIO

Os sacrifícios do Antigo Testamento eram de ordem cerimonial. Eram para os que estavam cerimonialmente impuros. Serviam para “purificação da carne”, como lemos em 9.13: “Porque, se a aspersion do sangue de bodes e de touros, e das cinzas duma novilha santifica os contaminados, quanto à purificação da carne”.

Eram incapazes de mudar a vida das pessoas, como vemos em 9.9: “que é uma parábola para o tempo presente, conforme a qual se oferecem tanto dons como sacrificios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que presta o culto”. Por isso que eram apenas ordenanças da carne até o tempo da reforma: “sendo somente, no tocante a comidas, e bebidas, e várias abluções, umas ordenanças da carne, impostas até um tempo de reforma” (9.10).

Os sacrifícios do Antigo Testamento não podiam aperfeiçoar as pessoas. Se aperfeiçoassem, elas teriam seus pecados perdoados e não continuariam com eles em sua consciência: “Porque a lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, não pode nunca, pelos mesmos sacrificios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus. Doutra maneira, não teriam deixado de ser oferecidos? pois tendo sido uma vez purificados os que prestavam o culto, nunca mais teriam consciência de pecado” (10.1-2).

Mas isto acontecia porque, como diz 10.1 (“Porque a lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, não pode nunca, pelos mesmos sacrificios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus”), a lei era apenas sombra das coisas futuras.

Aliás, todo o judaísmo era apenas uma sombra do que viria, mas o corpo que projetava a sombra é Cristo: “Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo. (Cl 2.16-17).

O sangue de Cristo purifica a consciência: “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?” (9.14). Enquanto o sacrifício judaico purificava o corpo de transgressões cerimoniais (tocar num morto, tocar em animal cerimonialmente imundo, doenças de pele, o fluxo das mulheres), o sacrifício de Cristo purifica a consciência.

A esfera do sacrifício é deslocada do exterior (judaísmo) para o interior (cristianismo). Cristo purifica por dentro, purifica a alma. É isto que o autor de Hebreus não consegue entender: como os cristãos a quem ele se dirige não entenderam a superioridade da obra de Cristo e queriam voltar ao passado.

2. A NATUREZA DO SACRIFÍCIO

É verdade que a morte de Jesus sucedeu na terra. Mas diz o autor de Hebreus que seu sacrifício ele ofereceu a Deus: “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?” (9.14).

Com isto, na argumentação do autor, Cristo entrou num santuário celestial (lembre-se que ele está usando a argumentação de que o que há na terra é cópia do que há no céu, seguindo Platão com a noção do mundo real e do mundo ideal). Esta entrada de Cristo num santuário celestial se vê em 9.24: “Pois Cristo não entrou num santuário

feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus”. O drama do Calvário foi real, histórico, mas na argumentação do autor, apenas mostrava o que havia acontecido espiritualmente: Cristo quisera a cruz e caminhara para ela, para se oferecer a Deus por nós. A cruz não foi um acidente, mas uma busca por parte do Crucificado. Ele a procurou.

Sobre isso, vejamos as passagens de Mateus 16.21 (“Desde então começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse”), Marcos 9.30-31 (“Depois, tendo partido dali, passavam pela Galileia, e ele não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava a seus discípulos, e lhes dizia: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, que o matarão; e morto ele, depois de três dias ressurgirá”) e João 18.11 (“Disse, pois, Jesus a Pedro: Mete a tua espada na bainha; não hei de beber o cálice que o Pai me deu?”).

No Antigo Testamento, vale a pena considerar o texto de Isaías 53.4-11: “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas dores; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro que é levado ao matadouro, e como a ovelha que é muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a boca. Pela opressão e pelo juízo foi arrebatado; e quem dentre os da sua geração considerou que ele fora cortado da terra dos vivos, ferido por causa da transgressão do meu povo? E deram-lhe a sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte, embora nunca tivesse cometido injustiça, nem houvesse engano na sua boca. Todavia, foi da vontade do Senhor esmagá-lo, fazendo-o enfermar; quando ele se puser como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias, e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo justo justificará a muitos, e as iniquidades deles levará sobre si. Notemos que “ele tomou sobre si” (v. 4) e “ficará satisfeito” (v. 11). Ele quis morrer pelos pecadores.

Neste aspecto, da natureza do seu sacrifício, temos que considerar mais três ideias:

A primeira é que seu sacrifício foi perfeito. Em 9.14 vemos que ele nos purificou, o que os sacrifícios do judaísmo não podiam fazer: “Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo?”.

Os sacrifícios tinham que se repetir. Ele não precisou morrer repetidas vezes, mas resolveu o problema do pecado de uma vez por todas, para sempre: 9.26: “Doutra forma, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”. Na morte de Cristo, o pecado foi aniquilado para sempre.

Em 1965, soldados japoneses lutavam contra quem aparecesse, sem saber que a guerra terminara. O teólogo Karl Barth fez uma observação bem sensata: “Povo curioso, esse. Lutando em uma guerra que terminara há vinte anos. Mas mais curiosa

é a pessoa que luta contra Deus, dois mil anos após Cristo ter posto fim à guerra, no Calvário”. Cristo resolveu a questão da inimizade contra Deus.

A segunda é que seu sacrifício foi espiritual. Mais do que físico, foi um ato espiritual. Ele se ofereceu pelo “Espírito eterno” (9.14). O Pai, o Filho e o Espírito Santo trabalharam em harmonia para a redenção do homem. Não houve conflito entre as pessoas da Trindade.

Sabedor de que os sacrifícios do Antigo Testamento eram sem efeito, ele, Jesus, se ofereceu ao Pai para resolver o assunto: “Então eu disse: Eis-me aqui (no rol do livro está escrito de mim) para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tendo dito acima: Sacrifício e ofertas e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te deleitaste (os quais se oferecem segundo a lei); agora disse: Eis-me aqui para fazer a tua vontade. Ele tira o primeiro, para estabelecer o segundo. É nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre” (10.7-10).

A terceira é que seu sacrifício foi vicário. Isto significa que foi no lugar dos outros. Ele morreu por nós. Assim levou os pecados dos que creem: “Assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação” (9.28).

Ele ofereceu-se a si mesmo como sacrifício pelos nossos pecados: “Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus” (10.11-12).

Cristo morreu pelos nossos pecados foi a primeira confissão de fé da Igreja: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado; que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Co 15.3-4).

Este é o nosso credo. Somos salvos porque Jesus morreu em nosso lugar e, desta maneira, carregou os nossos pecados. Voltemos a Isaías 53.5: “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”.

3. A SINGULARIDADE DO SACRIFÍCIO

Por singularidade queremos dizer que seu sacrifício foi único. Os sacrifícios judaicos tinham que repetir. O de Cristo é irrepitível. Isto nos é mostrado nos textos de:

7.26-27 (“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus; que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo”,

9.24-28 (“Pois Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote de ano em ano entra no santo lugar com sangue alheio; doutra forma, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois o juízo, assim também

Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação”) e

10.10-12 (“É nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre. Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus”).

O perdão que um fiel do Antigo Testamento conseguia era sempre temporário. Era perdão para um ato cometido. O perdão que Cristo conseguiu não foi para atos, mas para a “consciência”. Lembre-se do item “A esfera do sacrifício”. Ele perdoou mais do que atos. Perdoou a vida da pessoa, purificou-a por inteiro. Seu sacrifício não precisa se repetir. Assim como só se morre uma vez, Cristo morreu uma vez (9.27). Isso basta.

Se com a sua morte Cristo nos livrou da morte, com sua vida ele nos deu vida. Ele foi o homem que conseguiu viver sem sofrer o poder do Diabo: “Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo; e livrasse todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão. (2.14-15).

Ele teve uma vida singular, uma morte singular, e nos outorga efeitos singulares, que só ele pode outorgar. Quem foi salvo, foi salvo para sempre: “Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do que me enviou é esta: Que eu não perca nenhum de todos aqueles que me deu, mas que eu o ressuscite no último dia” (Jo 6.37-39).

4. O CUMPRIMENTO DO SACRIFÍCIO

O sacrifício de Cristo teve efeitos permanentes, não transitórios, como os do Antigo Testamento. O animal do sacrifício do Antigo Testamento era representante do pecador. Mas Cristo não foi nosso representante e sim nosso precursor, como lemos em 6.20 (“Aonde Jesus, como precursor, entrou por nós, feito sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”).

Isto quer dizer que ele foi o primeiro a adentrar a presença de Deus, no lugar santíssimo, como Sumo Sacerdote. Assim, todos nós somos sacerdotes e podemos adentrar a presença de Deus, como lemos em 10.19-25: “Tendo pois, irmãos, ousadia para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos inaugurou, caminho novo e vivo, através do véu, isto é, da sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa, retenhamos inabalável a confissão da nossa esperança, porque fiel é aquele que fez a promessa; e consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não abandonando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia”.

O sacerdote do Antigo Testamento tinha que se purificar primeiro, como lemos em Levítico 16.4 (“Vestirá ele a túnica sagrada de linho, e terá as calças de linho sobre a sua carne, e cingir-se-á com o cinto de linho, e porá na cabeça a mitra de linho; essas são as vestes sagradas; por isso banhará o seu corpo em água, e as vestirá”).

Cristo não precisou, porque era puro, mas inaugurou o caminho, abriu-o para nós, e assim permite que sejamos sacerdotes de nós mesmos, ou seja, podemos nos apresentar a Deus. Neste sentido, o sacrifício se Cristo se cumpriu de tal maneira que passamos a ter acesso pleno a Deus.

PARTE 3

Já vimos que Hebreus é um livro absolutamente singular, com uma estrutura literária e teológica diferente da dos demais, e com uma linha de argumentação também bastante diferente. O autor tem um profundo conhecimento do judaísmo e da teologia dos sacrifícios, mas emprega categorias de pensamento próprias dos gregos.

Isto torna o livro mais fascinante, porque é uma forma de argumentação que ainda não estudamos. É uma visão teológica do relacionamento entre cristianismo e judaísmo, entre a nova e a antiga revelação, com uma visão estrutural grega.

Já vimos, anteriormente, dois dos seus temas: a superioridade de Cristo e o sacrifício de Cristo. Eles nos enriqueceram quanto a uma visão mais correta da pessoa e da obra de Cristo. Hoje temos o terceiro, a nova aliança. Torna-se oportuno analisar isto porque há cristãos meio desorientados, querendo voltar a guardar preceitos do Antigo Testamento, ressuscitando festas judaicas, como se fosse observância para a igreja de Jesus.

Tudo aquilo já passou, como diz Colossenses 2.16-16: “Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo”. Na realidade, isto já fora sinalizado desde a Transfiguração de Jesus, quando estão presentes Moisés (a Lei), Elias (os Profetas) e Jesus (a nova Revelação) e diante da proposta de Pedro de colocar os três em pé de igualdade.

O Pai tirou Moisés e Elias de cena, e declarou, sobre Jesus: “Este é o meu Filho amado em que me comprazo, a ele ouvi”. Nós não ouvimos Moisés e Elias, mas a Jesus. Infelizmente, muitos cristãos estão apostando, negando a Cristo e sua cruz, e rebaixando-o a ao nível de vultos do Antigo Testamento. Este estudo reflete sobre isto.

A BASE DA ARGUMENTAÇÃO

Toda a argumentação sobre a nova aliança vai se calcar em Hebreus 8.6-13. Assim diz o texto: “Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de um melhor pacto, o qual está firmado sobre melhores promessas. Pois, se aquele primeiro fora sem defeito, nunca se teria buscado lugar para o segundo. Porque repreendendo-os, diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estabelecerei com a casa de Israel e com a casa de Judá um novo pacto. Não segundo o pacto que fiz com seus pais no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois não permaneceram naquele meu pacto, e eu para eles não atentei, diz o Senhor. Ora, este é o pacto que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor; porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo; e não ensinará cada um ao seu concidadão, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior. Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados não me lembrarei mais. Dizendo: Novo pacto, ele tornou antiquado o primeiro. E o que se torna antiquado e envelhece, perto está de desaparecer”.

Na realidade, o texto é apenas uma citação ampliada de Jeremias 31.31-34, que assim diz: “Eis que os dias vêm, diz o Senhor, em que farei um pacto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá, não conforme o pacto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, esse meu pacto que eles invalidaram, apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E não ensinarão mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor; pois lhes perdorei a sua iniquidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados”.

É a mais longa citação do Antigo Testamento encontrada no Novo Testamento. Evidentemente que não é sem motivo que assim sucedeu. Inspirador dos autores, o Espírito Santo, autor último das Escrituras, sabia o que fazia. Levou o autor de Hebreus a comentar a profecia de Jeremias.

Para entender bem o que Hebreus diz precisamos ver o contexto em que Jeremias emprega suas palavras. O texto é o clímax teológico do livro do profeta. O povo está sob ameaça de condenação por causa dos seus pecados, o cativo se aproxima, mas o povo se escuda num pacto feito com Deus, na Páscoa.

Mas com muita clareza, ele diz que esta aliança do Antigo Testamento, que Deus fez com Israel, na Páscoa, por meio de Moisés, foi rompida pelo povo. Vejamos, também, Ezequiel 16.59-60: “Pois assim diz o Senhor Deus: Eu te farei como fizeste, tu que desprezaste o juramento, quebrantando o pacto. Contudo eu me lembrarei do meu pacto, que fiz contigo nos dias da tua mocidade; e estabelecerei contigo um pacto eterno”.

Eles iriam para o cativo por causa de seus pecados. De lá Deus os traria de volta e recomençaria, com um punhado de retornados, o trabalho de dar o Messias ao mundo, fazendo uma nova aliança. Agora, não apenas com Israel, mas com toda a raça humana.

Vejamos, a propósito, Ezequiel 36.24-27: “Pois vos tirarei dentre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias, e de todos os vossos ídolos, vos purificarei. Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Ainda porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis as minhas ordenanças, e as observeis”. Esta aliança veio a ser feita em Jesus.

É este o sentido de Mateus 26.26-28, nas palavras do próprio Jesus: “Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados”.

A nova aliança prometida por Deus em Jeremias e em Ezequiel se cumpriu com Jesus Cristo. Não é mais o sangue de um cordeiro, mas o sangue do Cordeiro. Aliás, a páscoa é uma profecia factual do sacrifício de Cristo. Ela anunciava a obra de Jesus, com sua nova aliança.

A IDÉIA DE ALIANÇA

Aliança, pacto, testamento, concerto, seja qual for a tradução que se dê, é o hebraico *berith*. A ideia não é um pacto bilateral, em que duas partes se sentam para trocar ideias e ajustar termos de um contrato em que ambas opinam. A ideia é de algo imposto, sem possibilidade de mudar termos.

Era a palavra usada para os contratos de vassalagem antiga, quando um reino ou uma potência vencida outra nação e lhe impunha seus termos. A parte vencida deveria se submeter à vencedora, e a parte vencedora se comprometia a protegê-la de outros inimigos. Isto é um *berith*.

O conceito implícito no termo também se aplicava a uma nação que estava dominada por outra e uma terceira a libertava. Surgia o *berith*, depois da libertação, entre a nação libertada e nação que a libertara. Foi assim no Antigo Testamento. Israel era escravo do Egito. Deus o libertou e lhe trouxe seu pacto.

Foi assim com a Igreja de Cristo. Éramos escravos (“Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” – Jo 8.34), mas Cristo nos libertou (“Para a liberdade Cristo nos libertou; permaneci, pois, firmes e não vos dobreis novamente a um jogo de escravidão” – Gl 5.1).

A aliança entre Iahweh e Israel surgiu neste contexto: um poder mais forte que o Egito e Israel libertou este último e fez um pacto. É o contexto teológico da aliança feita conosco. Um poder mais forte que o pecado e o Maligno nos libertou e fez conosco um pacto. No primeiro pacto, Israel, até então uma massa de escravos, se tornou povo. No segundo pacto, nós nos tornamos povo de Deus no pacto feito em Cristo.

AS CARACTERÍSTICAS DA ALIANÇA FEITA EM CRISTO

Nesta aliança, a nova, a característica primeira e maior é o perdão dos pecados como iniciativa divina. Antes, o hebreu do Antigo Testamento procurava por perdão. Na nova, visto que a antiga se mostrou ineficaz, Deus a oferece. Jeremias 31.34 mostra isso: “E não ensinarão mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor; pois lhes perdoarei a sua iniquidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados”.

O texto paralelo de Ezequiel 36.25-27 corrobora a ideia de uma nova aliança com o perdão divino: “Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias, e de todos os vossos ídolos, vos purificarei. Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Ainda porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis as minhas ordenanças, e as observeis”.

A correspondência se encontra em Hebreus 8.12 (“Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados não me lembrarei mais”) e 10.14-17 (“Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados. E o Espírito Santo também no-lo testifica, porque depois de haver dito: Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seu entendimento; acrescenta: E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas iniquidades”).

Em Hebreus 8.13, se acena com o fim dos sacrifícios judaicos: “Dizendo: Novo pacto, ele tornou antiquado o primeiro. E o que se torna antiquado e envelhece, perto está de desaparecer”. E também se observa a mesma linha de argumentação em Hebreus 10.18: “Ora, onde há remissão destes, não há mais oferta pelo pecado”. A oferta pelo pecado (*Hattat*) era o ato de reconciliação com Deus no culto judaico. Mas depois do sacrifício de Cristo, que trouxe o perdão, não há mais nenhum sacrifício por fazer. O *Hattat* se tornou desnecessário porque Cristo resolveu, de uma vez por todas, o problema do pecado.

Também os textos de 2Coríntios 5.19 e 21 mostram isto: “pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra da reconciliação (...) Àquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”.

Deus tornou Cristo “pecado”, isto é, “oferta pelo pecado”, por nós. O judaísmo com seu sistema sacrificial perdeu sua razão de ser.

A segunda característica é a internalização da lei. A aliança feita com Israel culminou na doação da lei, em Êxodo 20. Mas a lei mosaica era externa, isto é, residia fora do homem. E fora posta em tábuas de pedra. Vejamos, a propósito, Êxodo 32.15-16: “E virou-se Moisés, e desceu do monte com as duas tábuas do testemunho na mão, tábuas escritas de ambos os lados; de um e de outro lado estavam escritas. E aquelas tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas”.

Na aliança feita em Cristo, a lei é interna. Vejamos, para notar o contraste da nova aliança, os textos de Jeremias 31.33 (“Mas este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”) e Hebreus 8.10 (“Ora, este é o pacto que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor; porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”).

O autor de Hebreus diz que a palavra de Jeremias se cumpriu com o advento do cristianismo. Neste, como prometido por Jeremias, a motivação para o relacionamento com Deus é interna. Antes, Deus estava fora do homem. O homem ia ao templo para achar Deus. Na nova aliança, Deus está no homem.

Vejamos, ainda, Ezequiel 36.27, o texto em que este profeta também trata da nova aliança: “Ainda porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis as minhas ordenanças, e as observeis”. A motivação religiosa não está fora do homem, mas dentro dele. É o Espírito Santo que habita no cristão, e não as tábuas da lei mosaica.

Assim, sendo, não precisamos ir a Jerusalém para orar nem precisamos orar curvados para Meca, como se Deus morasse num lugar destes. Nem precisamos subir a monte para buscar a Deus, como alguns cristãos desavisados e ignorantes do ensino do Novo Testamento procedem.

No Novo Testamento, com a aliança nova feita por Jesus, Deus mora em nós: 1Coríntios 3.16 (“Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”) e 6.19 (“Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?”).

Jesus já havia mostrado isso, que sua religião é interna, parte de dentro. Prestemos bastante atenção nos textos de:

Mateus 5.21-22 (“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e, Quem matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e quem disser a seu irmão: Raca, será réu diante do sinédrio; e quem lhe disser: Tolo, será réu do fogo do inferno”),

Mateus 5.38-41 (“Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar mil passos, vai com ele dois mil”) e

Mateus 5.43-44 (“Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás ao teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem”).

Neste último texto, há uma particularidade a ressaltar. De onde veio tal ideia, de odiar os inimigos, que Jesus disse que seus ouvintes tinham ouvido anteriormente? A lei não mandava odiar os inimigos, mas os essênios, sim. Eles haviam divulgado sua mensagem e, provando que não era um deles, Jesus os refuta. Jesus ultrapassa o ensino de Moisés e, de quebra, contesta o dos essênios.

Os judeus tinham transformado o pecado em questão de ritos, de cumprimentos da lei. Jesus põe-no em forma de sentimentos que motivam os atos. Por isto, o que contamina o homem é o que sai dele, e não o que entra nele: “Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é o que o contamina. Então os discípulos, aproximando-se dele, perguntaram-lhe: Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram? Respondeu-lhes ele: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os; são guias cegos; ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão no barranco. E Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Explica-nos essa parábola. Respondeu Jesus: Estai vós também ainda sem entender? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce pelo ventre, e é lançado fora? Mas o que sai da boca procede do coração; e é isso o que contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos, isso não o contamina” (Mt 15.11-20).

O bem e o mal estão dentro de nós, no coração, *léb* ou *lebâb*, em hebraico, designando a interioridade volitiva do homem. Há um coração novo nos que creem: “Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne” (Ez 36.26) e “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito estável” (Sl 51.10).

Para os hebreus, o coração é a sede das decisões, das faculdades intelectivas e onde estão as faculdades de juízo. Há uma nova razão, uma mentalidade nova. Isto se chama conversão. A nova aliança se baseia, também, na conversão do homem. A obediência, no judaísmo, era pela observância do ritual. No cristianismo, é pela conversão.

A terceira característica é a responsabilidade e a retribuição pessoais. Jó oferecia sacrifícios por seus filhos (Jó 1.5). Ele era o sacerdote da família. Uma pessoa intercedia pelos pecados de outra e conseguia o perdão para ela. Na nova aliança, cada um deve dar contas de si mesmo a Deus.

Ninguém pode responder por outro. Vejamos, a propósito, Jeremias 31.29-30: “Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Pelo contrário, cada um morrerá pela sua própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes, é que os dentes se embotarão”.

É este o sentido de Hebreus 8.11: “E não ensinará cada um ao seu concidadão, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior”. Ninguém pode conhecer ao Senhor por outro, mas cada um deve conhecê-lo. Isto é o que chamamos de “sacerdócio universal de todos os salvos”. Cada pessoa se relaciona com Deus diretamente por causa da obra de Cristo. Ele é o sumo sacerdote, como já vimos no estudo anterior.

ENTÃO

Esta aliança é eterna: “Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do pacto eterno tornou a trazer dentre os mortos a nosso Senhor Jesus, grande pastor das ovelhas” (Hb 13.20). Foi proclamada no Antigo Testamento, da seguinte maneira, entre muitas declarações, sendo que algumas já foram citadas anteriormente:

(1) Por Ezequiel: “Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias, e de todos os vossos ídolos, vos purificarei. Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Ainda porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis as minhas ordenanças, e as observeis. E habitareis na terra que eu dei a vossos pais, e vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus”. (Ez 36.25-28)

(2) Por Isaías: “Inclinaí os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei um pacto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências prometidas a Davi” (Is 55.3); “Quanto a mim, este é o meu pacto com eles, diz o Senhor: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se desviarão da tua boca, nem da boca dos teus filhos, nem da boca dos filhos dos teus filhos, diz o Senhor, desde agora e para todo o sempre” (Is 59.21) e “Pois eu, o Senhor, amo o juízo, aborreço o roubo e toda injustiça; fielmente lhes darei sua recompensa, e farei com eles um pacto eterno” (Is 61.8).

Ela foi implantada por Jesus (Mt 26.28), e sua realização plena foi anunciada pelos apóstolos, nas seguintes declarações:

2Coríntios 3.6: “O qual também nos capacitou para sermos ministros dum novo pacto, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica”. Não é da letra, a Torah, mas do espírito, ou Espírito, presente no salvo.

Romanos 11.27: “E este será o meu pacto com eles, quando eu tirar os seus pecados”. Ele tirou nossos pecados, na cruz, e fez um pacto conosco.

Hebreus 8.6-7: “Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de um melhor pacto, o qual está firmado sobre melhores promessas. Pois, se aquele primeiro fora sem defeito, nunca se teria buscado lugar para o segundo”. O primeiro pacto passou, pois tinha defeitos. O segundo, feito em Cristo, é melhor.

Hebreus 9.15: “E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna”. O novo pacto dá a vida eterna.

1João 5.20: “Sabemos também que já veio o Filho de Deus, e nos deu entendimento para conhecermos aquele que é verdadeiro; e nós estamos naquele que é verdadeiro, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”, que é uma bela síntese da nova aliança. O Filho já veio, tudo que apontava para ele perdeu o sentido. Ele é a verdade, o próprio Deus.

Somos os destinatários e, ao mesmo tempo, os propagadores desta nova aliança. Em Cristo, Deus tem um novo modo de se relacionar com os homens. Isto experimentamos. Isto devemos dizer. As coisas velhas, inclusive a velha aliança, já passaram. Tudo se fez novo, inclusive a nova aliança.

Hebreus nos ensina isto: somos o povo do novo pacto. Somos filhos do Calvário, e não do Sinai. Não há motivo para voltar atrás, para a velha dispensação. Vivemos pela fé, e não pela Lei. Lembremos as palavras de Hebreus 10.38-39: “Mas o meu justo viverá da fé; e se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que recuam para a perdição, mas daqueles que creem para a conservação da alma”.

PARTE 4

Nos três estudos anteriores, vimos que Hebreus é um livro singular, com uma estrutura diferente dos demais. Vimos, também, que sua linha de argumentação difere da dos demais. O autor conhece profundamente a teologia judaica, particularmente a questão dos sacrifícios. Mas sua maneira de interpretar o Antigo Testamento é diferente da de Paulo, pois ele emprega categorias de pensamento próprias dos gregos.

Isto torna o livro mais fascinante, porque é uma forma de argumentação que ainda não estudamos.

Já vimos, anteriormente, três dos seus temas: a superioridade de Cristo, o sacrifício de Cristo e a nova aliança, trazida por Cristo. Hoje completaremos o livro, com o quarto e último tema: a disciplina de Jesus. É uma consequência prática da pessoa e da obra de Jesus Cristo.

DEFININDO TERMOS

“Se queres conversar comigo, define teus termos”, dizia Sócrates. Definamos *disciplina*. Não é correção ou castigo. A ideia de “disciplina” vem de 12.5, na palavra “correção”. O termo grego é *paidéia*, que era o vocábulo usado para a educação integral do grego. Para estes, educar não era apenas ensinar disciplinas, mas preparar para a vida como um todo.

A ideia do autor de Hebreus é que a obra de Cristo é nos preparar para a vida como um todo. Devemos aceitar esta “disciplina”, pois ela mostra que somos filhos: 12.5-9.

O INÍCIO DA ARGUMENTAÇÃO

Até 10.18, o autor tratou de teologia. Ele fez uma comparação entre Cristo e Moisés, a lei e o evangelho, o cristianismo e o judaísmo. Mostrou como a nova aliança, trazida

por Cristo, é superior que a primeira, trazida por Moisés (8.13). Sua tese, provada, é que o cristianismo é superior ao judaísmo. Agora, finda a argumentação teológica, ele entra no aspecto das aplicações práticas do que disse. Isto faz sentido. O que uma pessoa crê afeta sua conduta.

Em 10.19 temos um “pois”. Em outras palavras, o que ele diz é o seguinte: “por tudo isto que foi dito, tenhamos, então, ousadia para entrar e viver na presença de Deus”. Mas isto não é de forma mística, alienados, dentro de um prédio chamado de “igreja”.

No texto de 10.20 ele fala de “um caminho novo e vivo”. Como judeu, ele sabe que a palavra “caminho” (*dereq*, no hebraico) é mais que uma trilha para se andar. É um estilo de vida. Por tudo que Jesus fez, por tudo que Jesus é, quem se envolveu com ele deve ter um novo estilo de vida. É a vida integral, a *paidéia* do cristão.

O trecho de 10.19-39 tem semelhança com o de 5.11 a 6.12, em termos de exortação, mas é mais suave. Lá, ele foi duro. Aqui é mais brando. Mas a linha é a mesma: como os seguidores de Jesus devem se portar.

A SEQÜÊNCIA DA ARGUMENTAÇÃO

Esta *disciplina* de Jesus para nós implica em agarrarmo-nos à fé, em 10.22. Ele se vale de figuras do ritualismo judaico, como os banhos de purificação (“corpo lavado com água limpa”) para mostrar a vida purificada do cristão. Devemos nos firmar na fé, com “inteira certeza”.

Eles, os cristãos hebreus, não devem retroceder nem querer regressar ao judaísmo. A expressão com que ele encerra a seção é bem significativa, como lemos em 10.39.

Além de se firmar na fé, é necessário manter a esperança, como lemos em 10.23. Além da esperança a se nutrir, devemos nos relacionar em amor, é a mensagem de 10.24.

É possível ver que os assuntos tratados por ele em 10.22-24 são fé, esperança e amor. A mesma trilogia apresentada por Paulo, em 1Coríntios 13.8, sendo que Paulo declara que o amor é a maior das três virtudes. O autor de Hebreus segue, aqui, o esquema de Paulo.

No capítulo 11, o tema é a fé. No capítulo 12, o tema é a esperança. No capítulo 13, o tema é o amor. No capítulo 11, o versículo chave é o 1. No capítulo 12, a ideia está bem forte no versículo 28. E, no capítulo 13, está no v. 1.

O CLÍMAX DA IDÉIA DE DISCIPLINA

Como dito, “disciplina” não é, no pensamento do autor de Hebreus, mera correção. É uma educação integral. Ele trata da formação integral do cristão.

Ele deve se firmar na fé, pois ela é a base da carreira cristã, uma carreira que não deve pedir provas (11.1) sendo que sem fé ninguém pode agradar a Deus (11.6).

Por isso, nunca devemos retroceder e sim permanecer firmes (10.39), como os grandes vultos do Antigo Testamento, que permaneceram firmes, como quem vê o invisível (11.27).

Eles não obtiveram a concretização da promessa (11.39), que é Cristo. Nós a obtivemos. Podemos ter fé menor do que a deles?

Devemos fazer como eles, pois somos seus continuadores (12.1-3). Só assim poderemos chegar à entrada na “Jerusalém celestial” e chegar a “Jesus, o mediador de um novo pacto” (12.22-24).

Em outras palavras, este processo de disciplina espiritual é indispensável para nosso crescimento e nossa jornada cristã. Esta disciplina é o apegar-se ao evangelho com fé, relacionar-se com os irmãos em amor, e viver na esperança das promessas de Deus.

CONSELHOS PRÁTICOS

Mesmo sendo uma obra com uma visão teológica bem elaborada, Hebreus, ainda assim, nos deixa alguns conselhos práticos que deveríamos observar. Eis alguns deles:

Devemos lembrar que Jesus vive para interceder por nós, como nosso sumo sacerdote: 7.25-26

Não devemos abandonar a comunhão com os irmãos: 10.25

Não devemos recuar na fé: 10.39

Temos uma pátria melhor: 11.16 e 13.14

Devemos procurar viver em paz com todos: 12.14

Devemos evitar a raiz de amargura: 12.15. Há muita gente guardando ressentimento na geladeira.

Não devemos trocar os valores do reino por ninharia: 12.16.

Devemos evitar a ganância: 13.5.

Devemos fazer o bem: 13.16.

Devemos lembrar dos necessitados: 13.2-3

CONCLUSÃO

Hebreus é um desafio ao indolente (6.12) e aos que se recusam a crescer (5.11). Desafia a nossa mente a ter uma visão da grandeza da obra de Cristo, herdeiro de todas as coisas (1.2).

O próprio Jesus aprendeu a obedecer, como se vê em 5.8. Precisamos cultivar a obediência ao Senhor e à sua Palavra, como parte do seu processo pedagógico, sua *paidéia* para conosco, para levar à maturidade cristã.